

Volta Redonda: a recessão

Os peões falam da recessão como praga misteriosa. Alguns dizem que vão usar o

Tibério Canuto



Baixinho e troncudo, o mulato José Carlos da Silva não tem papas na língua: "já sei o que vou fazer por causa dessa tal recessão: vou pegar uma metrancá e me juntar à Falange Vermelha. Não aguento mais dormir nos bancos da Rodoviária, que virou a minha casa desde que fui demitido". As palavras do mineiro José Carlos são um pouco do espelho do estado de indignação dos 600 peões demitidos pelas empreiteiras que tocam as obras do Estágio III da expansão da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e que estão parando por falta de verbas. Esse é apenas o primeiro contingente e no final dessa semana o exército de desempregados que tomará conta das ruas de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, chegará à casa dos cinco mil. A médio prazo, ele tende a ser formado, no mínimo, pelos 14 mil empregados das empreiteiras, pois todo o Estágio III da CSN está comprometido graças à política governamental de contenção dos investimentos públicos.

A médio prazo, serão 14 mil desempregados só nas empreiteiras

A Companhia Siderúrgica Nacional — principal polo siderúrgico do país e outrora símbolo da afirmação nacional — está para o município de Volta Redonda assim como a água está para o peixe. Se ela entra em bancarrota, o município acompanha os seus passos, afetando assim a vida dos seus 200 mil habitantes, de uma forma ou de outra. Por enquanto, as demissões que se iniciaram na semana passada são tão somente uma bomba de efeito retardado que ainda não repercutiu intensamente no comércio e em toda a vida da cidade. Talvez por isso, em plena onda de demissões, a sua população voltou-se mais para vibrar com os gols de Junior e Toninho contra a Alemanha, tentando ignorar o fantasma do desemprego que ronda as chaminés da siderúrgica de Volta Redonda. Mas como seguro morreu de velho, Paulo Herman, o diretor da rede de supermercados "Floresta", o maior do município, já tomou suas precauções: fez um seguro contra depredações e conturbações so-

ciais, pois ele ainda tem em mente os dias de 1979, quando os peões revoltaram-se contra as suas condições de vida nos acampamentos e fizeram um quebra-quebra na cidade.

A recente onda de demissões tem como ponto de partida imediato a impossibilidade da Companhia Siderúrgica Nacional — uma subsidiária da Siderbrás, de fazer frente aos oito bilhões de cruzeiros que deve às empreiteiras e de continuar a tocar suas obras de expansão. Como Delfim Netto simplesmente deu um não ao pedido da diretoria da Siderbrás para que fossem liberadas mais verbas para que o Estágio III da expansão da CSN não sofresse solução de continuidade, essa empresa não teve outra alternativa senão parar imediatamente as obras em 15 frentes de trabalho. Com isso, comprometeu não apenas o Estágio III, mas até mesmo obras de reforma da Usina Siderúrgica, como a de seu alto forno III, que deveria ser reformado em julho.

Apesar da diretoria da CSN, ao menos em suas declarações públicas, afirmar que as demissões não passarão da casa dos cinco mil, e ficarão restritas aos "peões", seus efeitos serão muito maiores, segundo dados do Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda, que desde fevereiro está estudando as consequências das paradas das obras da Expansão III. Segundo o Sindicato, as demissões atingirão os próprios funcionários da CSN, e não apenas as empreiteiras, pelas seguintes razões: a Expansão III é supervisionada e dirigida pela Diretoria de Obras da CSN, que conta nos seus quadros 1.230 engenheiros e técnicos especializados. Tal diretoria ficará sem função com a paralisação da Expansão III e não há como a CSN absorver esses 1.230 técnicos especializados em seu quadro normal.

A tal dado, acrescente-se outro divulgado pelo Sindicato dos Engenheiros: a crise da Expansão III afeta também a Companhia Brasileira de Pesquisa Industrial — subsidiária da CSN que atua como empresa de projetos siderúrgicos — que ficará sem novos campos de atuação. Assim, segundo o sindicato, a perspectiva é de a Cobrapi demitir 300

engenheiros até o final de 1981. Em fevereiro, por falta de funções, a Cobrapi começou a demitir 80 engenheiros. O exército de desempregados será acrescido ainda "pelos dois mil operários e técnicos especializados que foram treinados pela CSN para ser a mão-de-obra que deveria tocar a Expansão III quando ela estivesse pronta e que agora não serão absorvidos nos quadros normais da empresa", conforme esclarece o sindicalista e metalúrgico José Emídio Barcelos. Assim, ao todo, o fantasma do desemprego atinge cerca de 18 mil pessoas, de uma forma direta. E esse quadro que pode justificar a declaração de um diretor da Montreal, uma empreiteira da CSN à imprensa: "o desemprego aqui pode vir a ser bem maior que em São Bernardo e ultrapassar o caso da Volkswagen".

Desemprego será bem maior que em São Bernardo...

Medir as consequências indiretas da atual crise da siderúrgica de Volta Redonda é tão difícil como procurar uma agulha no palheiro, pois elas são imensuráveis, até mesmo do ponto de vista do desemprego, como evidencia a situação de Djair Luiz dos Santos, projetista com formação de técnico de grau médio e que trabalhava como autônomo: "dancei nessa. Eu prestava serviço para uma empreiteira, sem ter nenhum vínculo empregatício com ela. Na segunda-feira, fui até a firma, e não tinha mais trabalho para mim. Agora fiquei a ver navios e não vou encontrar projeto para trabalhar", diz Djair, que conseguia, até antes da crise, ter uma renda mensal de 30 mil cruzeiros. Casos como o deles se multiplicam: Maria Auxiliadora de Souza, auxiliar técnico, mal conseguiu esquentar a cadeira no emprego que arrumou, na empreiteira EBE: dois dias depois estava demitida, não tendo sido, sequer, fichada como funcionária da empresa.

A crise da Companhia Siderúrgica Nacional vem comprovar o velho ditado de que a corda se rompe no seu lado mais fra-

co; os peões, os principais prejudicados que sem entender o intrincado jogo da economia passam a usar a palavra recessão, como se ela fosse uma moléstia que até então eles desconheciam. A esmagadora maioria deles não tem o menor vínculo com a cidade, pois vieram de outros Estados e estão acostumados a mudar de trabalho e de obras como quem muda de roupa. Vivem em acampamentos das empreiteiras, amontoados em cubículos que têm três metros de comprimento e três de largura, cercados por uma longa cerca de arame e num clima que se assemelha ao de um campo de concentração. Esse é o seu lar, que agora eles não têm mais:

— O acampamento é o lar do peão. Ele não vive com a família, não tem casa e seus parentes são seus colegas. Quando ele é demitido, ele é botado para fora do acampamento e vai dormir nas calçadas. E isso que está acontecendo com muitos de nós, diz o peão Roque Alves, um mineiro que se encontra em Volta Redonda há cerca de um ano e que também foi demitido.

Cabeça chata, alguns fios ralos na barba, o cearense Luiz Rodrigues Pinheiros é um protótipo do "peão" e coça a cabeça quando lhe é perguntado o que vai fazer se for demitido. "Num sei não. Dizem que não há emprego nem em São Paulo nem no Rio e pra enxada eu não volto". Luiz chegou a Volta Redonda com seus três primos e agora busca se segurar no seu emprego na empreiteira Techinit, como sua tábua de salvação. Alguns deles foram para Volta Redonda, trazidos pelas empreiteiras, que agora os demitem: "a Pava foi lá em Muriaé, Minas Gerais, e me trouxe, com mais 52 companheiros. Na semana passada ela me demitiu e nem dinheiro para a passagem eu tenho", diz José Carlos de Souza.

O peão demitido não tem mais nem onde dormir

Como trabalhadores nômades, o peão ao ser demitido pega a sua trouxa e vai